

Monteiro Lobato como campo de pesquisa: diversidades & possibilidades

Thiago A. Valente (UENP-CP/GP CRELIT)¹

Resumo

As pesquisas sobre Monteiro Lobato (1882-1948) têm tido muitos trabalhos nos últimos anos. Neste texto, o tema é sobre as possibilidades de Lobato como ponto de vista ou objeto principal para as áreas de pesquisas como Sociologia, Psicologia, Antropologia, História das Ciências, entre outros.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, pesquisa, literatura.

Abstract

The researches about Monteiro Lobato (1882-1948) have been having many workings in the latest years. In this text the theme is the possibilities about Lobato like point of view or to main object for areas to researches as Sociology, Psychology, Anthropology, History of Sciences among others.

Keywords: Monteiro Lobato, research, literature.

A motivação para falar² de um escritor como Monteiro Lobato (1882-1948) pode ter inúmeras origens. Uma delas é o prazer de abordar uma das personalidades mais atuantes no campo cultural brasileiro da primeira metade do século XX, cujas “facetas” mostram-se diversas, instigantes e, sobretudo, integradas dentro de uma visão de mundo que muito explica do passado e do presente brasileiros.

Muito apropriadamente o termo “facetas” compõe o título da obra de José Antônio Pereira Ribeiro, *As diversas facetas de Monteiro Lobato* (1982), identificando Lobato como bacharel, fazendeiro, empresário, editor, tradutor, escritor. Mais que ocupações, profissões ou títulos, Lobato é, nas palavras do autor, “o grande empresário, o grande lutador em prol do petróleo, do ferro, do aço, o mais patriota dos patriotas, que visou sempre um Brasil

¹ Professor da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procopio, onde atua como membro do Grupo de Pesquisa “Crítica e Recepção Literária” (CRELIT), coordenando a linha de pesquisa 02, “Literatura Infantil e Juvenil Brasileira – crítica literária”.

² Texto apresentado na 21ª Bienal do Livro de São Paulo, no “Salão das Ideias”, sobre o tema “Novos rumos para a pesquisa lobatiana”, em 17/08/2010, sob a coordenação dos professores João Luís Ceccantini (Unesp-Assis) e Marisa Lajolo (Unicamp) e na companhia dos pesquisadores Eliane Galvão, Luís Camargo e Emerson Tim.

grandioso, enriquecido, rico de Petróleo, rico de livros, rico de cultura espiritual e material” (RIBEIRO,1982, p.13).

Riqueza que tenta alcançar realizando uma caminhada por caminhos que também teve de inventar. Enio Passiani, na introdução de *Na trilha do Jeca* (2003, p.20), afirma que estudar Monteiro Lobato se justifica pelo papel relevante desse escritor para a história da cultura nacional:

Constata-se, pois, que a vida de Lobato, em suas diversas dimensões, esteve voltada para o cenário cultural do país, seja refletindo ou atuando sobre ele. Urge, portanto, investigarmos a obra de Lobato, não apenas para melhor compreender o autor, mas principalmente para fornecer elementos que ajudem a entender uma parte da história cultural do Brasil.

Embora “história cultura” esteja empregada no âmbito das questões literárias e editoriais, podemos compreender o termo de modo mais amplo, uma abrangência que tome a “história” como momento vivo de atuação e “cultura” como tudo aquilo que o homem constrói socialmente para si e para os outros. Se assim pensarmos, estudar Lobato significa adentrar um terreno de debates, discussões, análises referentes à economia, finanças, política, biologia, geografia, química e, claro, literatura, arte e educação. Sua formação “humanística e liberal”, como destaca Ribeiro (1982), não o restringe ao universo das editoras ou da ficção, antes parece impulsioná-lo para um mundo repleto de conhecimentos os mais diversos, os mais intrigantes, os mais estranhos – mas que, no conjunto, formavam o “mundo” assim visto e percebido por Lobato. Como afirmam Azevedo, Camargo e Sacchetta (2000, p.210):

Sem se filiar oficialmente a organizações ou partidos políticos, Lobato sempre esteve presente nos debates sobre problemas nacionais, e nunca deixou de opinar sobre os assuntos que afetavam a vida do país. Por esse motivo assina alguns dos manifestos da Liga, como o de 1918, por ocasião do lançamento da candidatura do médico sanitariano Luís Pereira Barreto – também diretor da *Revista do Brasil* – à senatoria estadual, na vaga de Carlos de Campos, e “Uma questão de honra nacional”, de 20 de abril de 1922.

Sem qualquer pretensão de elencar ou abordar de modo mais pertinente essas facetas lobatianas, cabe-nos lembrar daqueles gêneros caracterizados por Passiani (2003, p.28) como “doutrinários”:

Fica claro que, após o trabalho de revisão de sua obra empreendido por alguns pesquisadores (sociólogos, historiadores e críticos literários), a atuação de Lobato não se restringe apenas à escrita literária – para a qual efetivamente contribuiu –, mas diz respeito à construção de um campo intelectual e literário que evidentemente extrapola os limites do texto literário. A contribuição de Monteiro Lobato para a vida intelectual do país manifestou-se, primeiro, na sua prática literária, que abarca não apenas os seus contos e sua obra infantil, mas também seus “escritos doutrinários” (cartas, entrevistas, artigos de jornal e reflexões políticas e econômicas); e, depois, na sua experiência editorial. Notamos o engajamento de Lobato e sua preocupação com os problemas do país enquanto escritor e como empresário.

Alice Koshiyama, em *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor* (1982), também chama a atenção do leitor, no título, para a atuação multifacetada do escritor, cujas marcas perduram ainda no ideário do mercado editorial (KOSHIYAMA, 1982, p.10):

Foi enfrentando as condições conjunturais e estruturais da sociedade brasileira que Monteiro Lobato fez seu trabalho. O ano de sua morte, 1948, marca, também, a primeira reunião do setor empresarial de livros, o I Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, em São Paulo. Monteiro Lobato foi a personagem mais homenageada desse conclave.

A autora salienta, inclusive, no título do quarto capítulo os papéis simultâneos por ele exercidos: “Monteiro Lobato empresário (editor e gráfico) e escritor: 1918-1930” (Koshiyama, 1982, p.67).

Em meio a tantos papéis, temas e gêneros, dimensionar a produção do escritor exige alguns recortes. Elegendo apenas um gênero “doutrinário”, como quer Passiani (2003), o jornal, e dentre todos os periódicos em que escreveu um dos mais representativos como *O Estado de S. Paulo*; e se ainda quisermos um terceiro critério como recorte cronológico – o período de 1913 a 1930, por exemplo, equivalente ao início da participação de Lobato como articulista d’*O Estado* e o retorno do escritor ao Brasil em 1927 – teríamos somente nos periódicos matutinos, lembrando que *O Estado* mantinha uma edição vespertina conhecida

como “O Estadinho”³ a partir de 1915, nada menos que artigos sobre: economia, guerra, caricatura, sociedade, agricultura, ciência, educação.

No entanto, há um problema para definição dos temas. Tal como o criador, a criação ou criatura também surge com diversas facetas: “Uma velha praga” (1914) trata de sociedade? De economia? Ou de representação do homem brasileiro? O tema central é realmente a queimada, ou apenas o mote para expor as inumeráveis pragas do Brasil? Ou apenas trata-se do caboclo ignorante francamente oposto à imagem do homem festejado como ideal no país ideal?

A proposta de se definir do que tratam os textos de Lobato falha à medida que eles dialogam com temas recorrentes, reiterados ao longo de toda produção do escritor, mesmo quando o autor se debruça sobre algo aparentemente tão ameno como a caricatura, como acontece nos textos “A caricatura no Brasil I”, publicado em 27 de janeiro de 1915, e “A caricatura no Brasil II”, vindo a público no dia seguinte, 28 de janeiro de 1915.

Identificar um discurso sanitarista na série publicada em *O problema vital* (1918) é tarefa sem qualquer dificuldade para o leitor de hoje, e possivelmente o fora ao leitor de 1918; mas, um texto como “Os subprodutos do café” (29/11/1916) coloca em xeque qualquer categorização mais simplista: abordam-se questões econômicas por meio da ciência? Ou a ciência é abordada sobre uma visão econômica? Busca-se a valorização do saber científico? Ou é crítica implícita ao ensino de cunho bacharelesco no Brasil?

O mesmo se dá com “O teatro brasileiro” (14/10/1922) – entre a crítica ao modo de fazer teatro e a viabilidade econômica, o leitor depara um texto otimista em relação ao teatro nacional. Otimismo que se dá pela via da projeção de uma arte para todos, a preço baixo, com qualidade e, sobretudo, visceralmente nacional. É Arte ou Economia? Sociedade ou Educação das massas? Vejamos⁴:

A companhia Abigail Maia, depois de provar ao Rio que o teatro brasileiro, leve, espirituoso, moderno e barato, é possível, e está criado, veio fazer igual demonstração em S. Paulo. Seu repertório exclusivo de peças nossas, todas modernas, de agoríssima, e uma antiga, o “Demônio Familiar”, de José de Alencar; seus atores, todos nacionais, falando a nossa

³ “**1915** – Em maio é lançada a edição vespertina de “O Estado de S. Paulo”, que passa a ser conhecida pelo nome de “Estadinho”, quando Júlio de Mesquita Filho inicia sua carreira de jornalista como colaborador. O jornal passa a apoiar a Campanha Nacionalista lançada pelo poeta Olavo Bilac, a qual propunha o serviço militar obrigatório, por acreditar que assim o militarismo se enfraqueceria com a entrada de civis na tropa, diluindo o corporativismo do Exército, além de despertar o civismo nos jovens”. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/historico/cronologia/crono1.htm#> Acesso em 11/08/2010.

⁴ Artigo publicado à terceira página de *O Estado de S. Paulo*, em 14 de outubro de 1922.

língua, prosodiando à nossa moda; o apuro das montagens, o capricho dos cenários, o amor inteligente com que são tratados os papéis; a ausência de chulice, de “charge” forçada; o fato de dirigir a empresa, não um empresário boçal, com o fito único da caixa, mas sim Oduvaldo, finíssimo diretor de cena, tudo isto faz desta temporada que se inaugura agora, um acontecimento digno da máxima atenção. Significa, pela “primeira vez” em S. Paulo, cidade que tem tido todos os teatros do mundo, francês, alemão, italiano e até japonês, “teatro brasileiro”, essa coisa julgada impossível.

Cassiano Nunes, num livro intitulado *Monteiro Lobato vivo* (1986, p.15), não se exime de enfrentar o caleidoscópio lobatiano:

Lobato não foi pensador, sociólogo, economista, político, nem esteta ou artista puro, mas, de um modo geral, o que escreveu é fortemente importante, mesmo pondo de lado as suas qualidades literárias, que são muito atraentes, porque ele bradou insistente como profeta bíblico – e esta imagem já foi usada com exatidão por Orígenes Lessa – contra os grandes defeitos, carências e injustiças do Brasil que o ufanismo e o bovarismo sempre se recusaram a ver. Nenhum escritor de alto porte, entre nós, falou como ele, pela maioria silenciosa, pelos analfabetos, pelos caboclos, pela baixa classe média, tartamuda e, hoje, alienada pelos meios de comunicação interesseiros e vulgares.

Na contramão do “artista puro”, Lobato alimenta aquilo que Cassal (2002) define como “utopismo-iluminista-desenvolvimentista”, caracterizado pela crença na ciência e na importância da educação; pelo anticlericalismo; pelo rebaixamento do dinheiro; pelo rebaixamento da propriedade privada e pela importância da agricultura; pela eugenia e pela crença no progresso, entre outros. Envolvendo-se em quatro campanhas básica, saneamento, livro, ferro e petróleo, Lobato, registra a autora, Lobato é considerado pelo educador Anísio Teixeira (1900-1971) “um homem voltado para o amanhã” (CASSAL, 2002, p.221). Sobre essas campanhas, acrescenta (Idem, p.222):

Se a campanha do saneamento básico dá prosseguimento a um amplo movimento iniciado no final do século XIX, baseado nas pesquisas científicas de Oswaldo Cruz, a campanha pelo livro leva Lobato a vender sua fazenda de dois mil alqueires e inverter todo seu capital na indústria livreira. Nessa atividade, a desmesura de seus empreendimentos somada à conjuntura política e econômica brasileira, levou-o à falência.

Seus inúmeros insucessos comerciais são tributados, pelos amigos, ao fato de ele ser um sonhador.

Acreditamos que é sobretudo nas campanhas pelo ferro e pelo petróleo que se destaca o utopismo do pensamento de Monteiro Lobato: um homem sozinho, literato por acréscimo, contra uma máquina burocrática baseada historicamente na prática da corrupção, do favor e do apadrinhamento, vai tentar concretizar empreendimentos do porte da extração de ferro e de petróleo, num país de estruturas arcaicas como o Brasil, com o objetivo de promover o progresso social.

Ao se enquadrarem num amplo projeto de nação, os escritos lobatianos marcam-se pelo caráter “iluminista” à medida que tentam abarcar as mais diferentes questões do conhecimento, numa rede em que tudo pode levar a tudo, um tipo de “hiperlink” que permite ao leitor dos jornais e de sua obra de modo geral perceber uma coesão interna, fator certamente consciente ao escritor que revisa sua obra entre 1946 e 47.

Para não ficarmos restritos aos textos mais conhecidos de Lobato, lembremos dois artigos de 1916: “A conquista do nitrogênio”, publicado em 15 de janeiro; e “Os subprodutos do café”, de 29 de novembro.

O primeiro artigo trata da importância da descoberta do nitrogênio (à época denominado “azoto”) como adubo essencial para as plantas. Após fazer considerações sobre a história da agricultura, cita a descoberta de uma bactéria fixadora do nitrogênio nas raízes dos vegetais por obra do trabalho do professor de botânica Bottomley, britânico. Destaca o benefício econômico da descoberta, pois a inoculação da bactéria nas sementes permitiria maior produção com menos gasto em fertilizantes. Na seqüência, tece críticas severas à atuação das políticas agrícolas brasileiras.

Desde o início do texto, vemos Lobato empenhado em explicar ao leitor brasileiro, possivelmente muito distante do mundo científico do pesquisador britânico, o elemento químico presente como tema de sua argumentação. No entanto, mais do que expor o assunto e suas nuances, Lobato faz com que o leitor se aproxime da descoberta do nitrogênio, utilizando a narrativa como forma de tornar o mais vivo possível um acontecimento importantíssimo para a humanidade, como ele quer demonstrar: “As maiores revoluções da humanidade não são obra das chacinas tremendas que romanceiam de páginas vermelhas a História, mas duma aparentemente ingênua descoberta científica, operada as mais das vezes pelo acaso, no remanso de um gabinete humilde de humilde sábio”. Para convencer esse leitor, porém, não basta apenas apresentar as benesses da descoberta, é preciso comparar realidades registrando o esforço americano para estar à frente na produção agrícola, enquanto o Brasil: “Os inspetores agrícolas e mais poetas

pululantes no viveiro das secretarias e Ministério da Agricultura esbofam-se na guerra santa contra a rotina, para a implantação definitiva do ‘sistema racional’”. A crítica se torna cada vez mais severa, enveredando pela ironia da indicação de melhor uso para os documentos do Governo para a agricultura: “Conhece a fundo a Praia Vermelha, reconhece-lhe o direito de se esvair em conselhos, boletins, revistas, etc., mas zela pelo dever correlato de os não seguir, o de abrir um furo ao canto esquerdo das publicações, atar um barbante, e pendurá-los em certo gancho”.

É perceptível, portanto, o tratamento dado por Lobato ao tema de modo a convencer o leitor a se alinhar à causa pela qual se bate contra a modorra brasileira.

Em “Os subprodutos do café”, Lobato segue o mesmo roteiro anterior, enaltecendo o trabalho do químico brasileiro Pedro Baptista de Andrade (1848-1937):

Em breves palavras se enunciam os fatos: de 20 quilos de palha, ele extrai por meio de processo simplíssimo e ao alcance de qualquer fazendeiro, nada menos de um litro de álcool, 120 gramas de manita e 12 gramas de cafeína. Demonstra assim a possibilidade de retirar da palha resultante da safra média prefigurada acima, trinta milhões de litros de álcool, 360 mil quilos de manita, e trinta e seis mil quilos de cafeína.

A possibilidade de produzir mais riquezas para São Paulo com a diversificação do produto industrial a partir da mesma matéria-prima empolga o articulista: “Eis, na sucinta desnudez dos dados positivos, os resultados que o laborioso sábio alcançou. É, como se vê, um rasgar perspectivas novas, amplíssimas, à riqueza cafeeira”. Ao final do texto, Lobato tece uma crítica geral sobre o comportamento da sociedade brasileira diante do conhecimento científico:

Meros curiosos uns, espectadores ocasionais outros, todos esquecem a soleira do laboratório a lição fecunda do mestre. Deixam ao sábio palavras vagas de incitamento, oh! oh! admirativos, e se vão para o triangulo comentar boletins de guerra antigermânicos com alta exibição de tática aliadófila. Depois, um chope, uma coalhada – e esquecida está para sempre a lição entrevista.

Será sempre assim? Continuará assim? Estará S. Paulo tão rico que menospreze um redobro de riquezas? Continuaremos a importar álcool caríssimo, e manita, e cafeína quando temos em casa para abarrotar o mundo?

Os artigos demonstram de modo marcante o ideário “utopista-iluminista-desenvolvimentista”, apontado por Cassal (2002). Porém, mais do que isso, esses textos também revelam idéias científicas do início do século XX; indícios da situação agrícola e financeira do país; comportamento social diante da ciência, do trabalho, das finanças; pontos de vista de determinados círculos intelectuais que, por meio da argumentação, também revelam as visões de mundo contrapostas a eles; projeções otimistas e negativas sobre o Brasil. Em ambos os artigos, conclui-se, se observados e analisados no conjunto da obra, o pesquisador pode encontrar temas e caminhos para investigação tanto da obra de Lobato quanto do momento histórico, da ciência, da política, do jornalismo, entre outras questões. Seus escritos “doutrinários”, como expressa Passiani (2003), permitem o encaminhamento de pesquisas que, além de do diálogo possível e necessário com a obra ficcional, apontando meios investigativos que certamente fogem às áreas de concentração mais comuns, como Letras e Educação.

Como exemplo, temos o trabalho de Alessandra El Far, *A encenação da imortalidade - uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*, de 1997, realizado na área de Antropologia (FACINA, 2001)⁵:

[...] Alessandra El Far centra sua pesquisa na lógica interna da Academia Brasileira de Letras, analisada a partir dos projetos elaborados por seus membros para a sua fundação e consolidação no seio da sociedade brasileira, durante a belle époque. O importante é notar que nesses trabalhos o contexto histórico não é visto como um conjunto de fatos e acontecimentos predeterminados, como se fosse um pano de fundo, e sim como algo que confere significado às ações e às elaborações intelectuais desses homens de letras.

Ao lançar outro foco sobre a atuação social de Lobato, *Literatura e Direito. Anatomia de um Desencanto: desilusão jurídica em Monteiro Lobato*, de Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy, em 2000, situa-se na área do Direito, conforme destaca no excerto veiculado na internet pelo autor⁶:

Por quê? Um conjunto de fatores explica ou pode explicar o desencanto jurídico em Monteiro Lobato. O excesso de leituras poderia ter afastado o escritor de uma suposta aridez dos textos jurídicos, que ele sempre nominou de maçantes. Seu aguçadíssimo espírito crítico não

⁵ Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2139/1278> Acesso em 13/08/2010.

⁶ Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=10195> Acesso em: 13/08/2010.

contemporizava com as iniquidades que vira, inclusive como promotor. Seu ceticismo radical matizou a incredulidade mórbida e perene para com concepções formais dos campos jurídicos. Sua efetividade prática, seu espírito empreendedor e sua mobilidade fática repeliam o abstrato, o teórico, o conceitual, que desenham o Direito, como criação eminentemente cultural. Seu inconformismo constante o afastou das soluções impostas. Também, e com muita razão, a vocação determinada pelo avô ameaçou um ideal libertário que, numa perspectiva freudiana, valeu-se da vida para acertar contas com o passado. Monteiro Lobato é fonte permanente para estudo do Direito na Literatura.

Como dissertação de mestrado, *Jeca Tatu: de Lobato a Mazzaropi*, de André Nóbrega Dias Ferreira, de 2001, foi realizado na área de Comunicação⁷:

A presente dissertação tem como objetivo analisar a construção do caipira, o Jeca, no cinema de Amácio Mazzaropi focalizando a combinação de seus dois elementos fundadores: por um lado a sua concepção na obra literária de Monteiro Lobato; por outro a origem na própria carreira circense e teatral de Mazzaropi. A análise procura abarcar ainda a importância da figura do caipira no sistema de produção cinematográfica industrial construído por Mazzaropi. Na reflexão sobre o personagem do Jeca, de Monteiro Lobato são considerados os aspectos sociais, políticos e econômicos que o determinaram, bem como sua evolução ao longo da obra de Lobato nas figuras de Jeca Tatu, Jeca Tatuinho e Zé Brasil.

Dos três exemplos, percebemos que ainda há muito o que pesquisarmos sobre O escritor, sua obra e sua presença no cenário nacional. Que fique o convite e o desejo de que mais pesquisadores se dediquem aos trabalhos lobatianos.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Carmem Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
- CASSAL, Sueli Tomazini Barros. **Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel**. São Paulo:

⁷ Disponível em: http://www6.ufrgs.br/infotec/teses00-02/resumo_536.html Acesso em: 13/08/2010.



Imprensa Oficial do Estado; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002. (Memória brasileira; 35).

FACINA, Adriana. Rotas de consagração. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 28, 2001, p. 211-217. Disponível em:

<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2139/1278> Acesso em 13/08/2010.

FERREIRA, André Nóbrega Dias. **Jeca Tatu: de Lobato a Mazzaropi**. Dissertação de Mestrado (orientação Lúcia Nagib). São Paulo: Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **Literatura e Direito. Anatomia de um Desencanto: desilusão jurídica em Monteiro Lobato**. Disponível em:

<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=10195> Acesso em: 13/08/2010.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

NUNES, Cassiano (org.). **Monteiro Lobato vivo**. Rio de Janeiro: MPM Propaganda, Record, 1986.

O ESTADO DE S. PAULO. Versão on-line. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/historico/cronologia/crono1.htm#> Acesso em 11/08/2010.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. Bauru: EDUC, 2003. 276p.

RIBEIRO, José Antônio Pereira. **As diversas facetas de Monteiro Lobato**. São Paulo: Roswutha Kempf; Secretaria Municipal de Cultura – Município de São Paulo, 1982.

FERREIRA, André Nóbrega Dias. **Jeca Tatu: de Lobato a Mazzaropi**, de André Nóbrega

Dias Ferreira. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/infotec/teses00-02/resumo_536.html

Acesso em: 13/08/2010.